

## Um homem inevitável

João César das Neves

Provavelmente não vai acreditar nesta, mas é mesmo verdade. Existe, um pouco por tudo o mundo e, certamente, bem perto de si, uma enorme quantidade de pessoas que, todos os dias, fala com um homem que morreu há 2000 anos. É mesmo verdade ! Falam todos os dias com ele e, normalmente uma vez por semana, juntam-se uns com os outros só para falar com ele.

Eles sabem que ele já morreu. Aliás, nos locais onde vivem e se encontram, existem muitas estátuas, retratos e outras imagens que mostram esse homem morto. Usam mesmo, como símbolo para se reconhecerem, o instrumento de tortura que o matou. Por isso, não têm a menor dúvida que ele morreu. Mas, mesmo assim, continuam a viver com ele.

Eles explicam, afirmando que esse homem, Jesus Cristo, é Deus. Deus veio visitar-nos, foi morto, mas ressuscitou e hoje está vivo e presente em nós. Esta explicação ainda aprofunda mais o insólito.

Esta coisa de falar e viver com um morto só pode ser uma rematada loucura. Aliás eles têm consciência disso. Um dos seus líderes mais influentes disse mesmo que era “escândalo para os judeus e loucura para os gentios” (1 Co 1, 23).

Não se diga que a justificação desta loucura é ser um fenómeno religioso. Há muitas religiões, mas em mais nenhuma existe algo de parecido. Esta ideia é, realmente, única no mundo.

A atracção religiosa pelo divino é natural ao ser humano. Em todas as épocas, em todos os locais, sempre houve uma intensa busca pelo divino. Na maior parte das vezes, é uma busca explícita de Deus. Às vezes, como ultimamente, alguns gostam de se dizer não-religiosos e esquecer Deus, mas apenas porque buscam o divino em coisas imediatas, como a técnica, o partido ou o prazer. O homem é um animal religioso. Este facto só não é mais referido nos estudos porque muitos cientistas, divinizando a ciência, se recusam a ver o óbvio.

A religião é natural ao ser humano. Mas as práticas dos seguidores de Cristo são muito estranhas, mesmo nas religiões. Falar com Deus através de um homem que viveu há 2000 anos é único. Há um abismo entre esta prática e todas as religiões.

Deve dizer-se, no entanto, que para além desta ideia, eles não têm mais sinais exteriores de loucura. São pessoas normais, bons cidadãos. São de todos os géneros e condições, ignorantes e eruditos, ricos e pobres, sofisticados e simples. E, sobretudo, são muitos. Representam actualmente mais de um terço da população mundial, cerca de 2000 milhões de pessoas, e o seu número está a crescer mais que a população total. Há várias tendências e divisões, mas todos vivem com Cristo. É, pois, uma ideia esmagadoramente difundida.

Trata-se, portanto, uma loucura especial. Não tem qualquer outro sintoma de demência para além desta peculiaridade e está muito divulgada por todo o tipo de gente. Uma loucura que afecta um terço do mundo não é uma loucura normal. O melhor é dar-lhe um nome especial, pois é algo muito peculiar. O melhor é dar-lhe o nome que ele lhes deu: Igreja.

Este comportamento é, realmente, insólito. Mas, se pensarmos bem, ainda há uma coisa mais estranha. Falar com um homem de há 2000 anos é especial, mas muito mais bizarro é a atitude dos que rodeiam os que o fazem. É que esses vêem tal comportamento estranhíssimo e nada estranham. Isso é, realmente, o mais esquisito de toda esta história.

Para compreender bem que muito mais espantoso do que as atitudes da Igreja é a atitude dos que a circundam, façamos uma comparação. Suponham que alguém recuava mil anos e contava às pessoas de então que um dia haveria imensa gente do mundo que passaria muitas horas por dia a olhar para uma caixa preta com um vidro à frente. Se alguém dissesse isso aos nossos antepassados, eles achar-nos-ia completamente loucos. Passar horas a olhar para uma caixa preta é de malucos.

Mas suponham que lhes explicavam, descrevendo o funcionamento de uma televisão. Suponham que lhes dizia que tudo partia de uma outra caixinha, com uma rodela de vidro em frente. Essa câmara “apanhava” as imagens e fazia-as sair por um “espeto”. Elas depois eram espalhadas pelo ar até chegarem a outra antena, tornando visível na caixa o que estava muito longe. Suponham que lhes dizia que enfiando um fio na parede, se faz funcionar a caixa preta, por causa da energia dos fios debaixo das ruas da cidade. Se dissessem isto aos nossos tetravós, eles confirmariam a sua opinião da nossa loucura.

Isso eram os antigos. Mas suponham que se dizia hoje o mesmo a alguém. Se alguém agora acha que olhar para a caixa preta é um comportamento insólito, nós diremos

que quem é louco é ele. Há muitas pessoas que não querem ver televisão, mas todos percebem a existência dessa realidade e compreendem o seu significado. Não há ninguém que diga ou ache que ver televisão é loucura.

É por isso que o comportamento de todos aqueles que ignoram Cristo é estranho. Perante a pessoa de Jesus Cristo só há duas possibilidades: ou ele é Deus, ou não é. Se não é, então aqueles que hoje, 2000 anos depois de ele ter vivido, ainda falam e vivem com ele, estão a fazer a mais rematada loucura. E uma loucura tão grande tem de ser tratada. Tolerar uma loucura dessas é loucura semelhante.

Mas se há a mais pequena possibilidade de esse homem ser Deus; se há a mais remota hipótese de Deus ter vindo visitar-nos e ter falado connosco durante anos, na primeira pessoa, então a vida pessoal de cada um de nós mudou radicalmente. Como é possível ficar indiferente ?

Assim, a única coisa realmente inexplicável, em toda esta questão, é a indiferença. Em tudo isto existe algo absolutamente certo: qualquer pessoa que exista hoje no mundo não pode deixar de se confrontar com a pessoa de Jesus Cristo. Pode crucificá-lo ou segui-lo, mas tem de se confrontar com ele. Aliás, ele disse isso mesmo. “Quem não está comigo, está contra mim; e quem não recolhe comigo, espalha.” (Mt 12, 30). Pode escolher-se qualquer atitude perante Cristo, mas é impossível não ter uma atitude.

Há ainda uma outra certeza. É que ele continua a acompanhar mesmo aqueles que o ignoram e repudiam.

Diário de Notícias, 1 de Março de 1999